

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Brasil*

Class.: K2R00035

Data: 14 de fevereiro de 1973

Pg.: _____



Orlando diz que é hora de se aposentar

Vilas Boas não concorda com aculturação que Funai vem impondo aos índios

São Paulo (Sucursal) 13/14/73 O sertanista Orlando Vilas Boas declarou, ontem, que a sua divergência com a Funai relaciona-se a pontos-de-vista quanto à integração do índio à sociedade. Enquanto o órgão é pela rápida integração do indígena, ele defende, para a sua preservação, a manutenção de sua cultura, seus costumes e seu *habitat*.

Acrescentou não existir conflito com a Fundação, mas apenas um processo de aposentadoria, já que tanto ele como seu irmão Cláudio sentem-se bastante cansados. Esclareceu, porém, que sua aposentadoria não implica o divórcio com a causa indígena.

O contato

Falando sobre o índio brasileiro o sertanista emociona-se:

— Não há como transmitir a sensação do encontro entre o homem civilizado e o primitivo. E' como se fosse um poema transcendental, jamais possível de ser escrito. E o engraçado é que, mesmo após tantos anos de experiências, sinto que essa sensação vive a se renovar. E' como uma violação, de qualquer forma. Os índios se aproximam como crianças em busca do brinquedo sonhado que nós lhes estendemos através do colar de contas coloridas do facão, da caixinha de fósforos. E quantos de nós, por força de miseráveis e desgraçadas circunstâncias, os estamos traindo naquele exato momento do aperto de mão, do abraço, do sorrir, do gesto, enfim, de afei-

ção. Desgraçados que somos, é a verdade.

Orlando revela que a situação atual no Peixoto de Azevedo "é excelente." O sertanista explica que os índios podem aparecer novamente, a qualquer momento, "já que há clima para isso".

— Eles são mais inteligentes do que possamos imaginar, ora se são. Vou explicar: da primeira vez apareceram num bando com número superior a 20 guerreiros, para ver se nós nos atemorizávamos. Enfim, para sentir a nossa reação. Da segunda vez mandaram dois jovens, somente, para ver também se nós os iríamos maltratar. Como os tratamos muito bem, acredito que agora eles retornem com número superior a 50 ou 100 pessoas.

A aposentadoria

Orlando Vilas-Boas está um pouco chateado com toda a história surgida, logo após o contato, de que estaria existindo um conflito entre ele e a cúpula da Funai:

— Não é nada disso. Acho que devemos pôr fim à boataria. Vou repetir-lhe que eu e Cláudio entramos com o pedido de processo de aposentadoria porque já estamos muito cansados. Somente isso. O que pode existir são pontos-de-vista diversos entre mim e a Funai. E' preciso que se saiba também que aposentadoria não significa o nosso divórcio da causa indígena. Até pelo contrário, pois, aposentados, teremos mais liberdade, em todos os sentidos, de defendermos nossas opiniões, e estarmos juntos aos índios. Enquanto a Funai acha que a integração rápida do índio à sociedade nacional é a melhor solução para o próprio índio, continuo defendendo a tese de que o índio deve ser mantido em seu *habitat*, longe dos vícios dessa mesma civilização, que o contamina, vilipendia, deturpa, enfim, destrói tudo que ele tem de mais significativo, a partir de sua cultura. A história, testemunha cega e severa, tem demonstrado

quem é que está com a razão.

Orlando, se se aposentar, o fará pela Sudeco, que veio substituir a antiga Fundação Brasil-Central.

— Entrei para a Fundação Brasil-Central em 1944. Agora, acho que já é tempo de parar, pois estou cansado, muito cansado, não só fisicamente, mas de tantas distorções. Já sofri mais de 200 acessos de malária. E hoje, quando eles se repetem, não encontram mais diante de si a resistência de um organismo jovem, forte. Há ainda o problema com meus olhos, preciso o tratá-los, seriamente.

Orlando crê que é ocasião da Funai dar oportunidade à gente jovem que possui em seus quadros:

— Os cursos de formação instituídos e mantidos pela Funai, verdade seja dita, são excelentes, pois têm, descoberto gente de excepcional qualidade como os dois jovens que estão agora no Parque Xingu, dirigindo postos. O momento é dos jovens, com toda certeza, resta apenas, sem lamentações ou sentimentalismos, a nossa memória e alguma coisa de nossa experiência que podemos transmitir, ensinar.

O futuro

— Já disse que aposentadoria não significa o divórcio da causa indígena. Tão logo isso acontecer, acredito que demore um pouco mais de tempo, tratarei de terminar o livro que estou escrevendo com Cláudio e atenderei os inúmeros convites que me são feitos para pronunciar palestras e conferências em universidades. Nessas palestras falarei sempre do problema das

minorias raciais no Brasil, inclusive abordando aspectos ligados ao negro. Há ainda o plano da expedição a Goiás, em busca dos canoiros de pele escura. Depois disso, em 1974, vou ao Canadá participar do Congresso Indigenista Internacional. A grande novidade é que levarei dois índios brasileiros para falarem sobre os problemas do índio brasileiro.